

(RE)PENSANDO A POLÍTICA EXTERNA ESTADUNIDENSE: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS CENTROS BINACIONAIS DA ARGENTINA E DO BRASIL NO SÉCULO XX

Rodrigo Vieira Pinnow¹

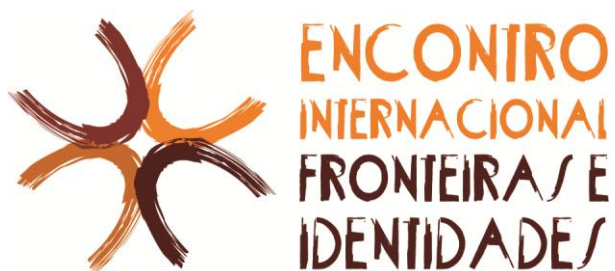
Resumo: Os estudos que contemplam a política externa dos Estados Unidos no continente latino-americano apresentam uma lacuna no que tange as ações das agências e órgãos estadunidenses, bem como de seus representantes nas relações com as elites latino-americanas. Nesse sentido, pretende-se ampliar a percepção sobre a política externa norte-americana nas primeiras décadas do século XX, ao considerar a criação dos centros binacionais como um dos vetores no processo de difusão cultural estadunidense na América Latina. Portanto, a presente comunicação busca incorporar uma nova perspectiva de análise acerca da influência dos Estados Unidos no continente, apresentando o estudo comparativo entre o Instituto Cultural Argentino (ICANA) e o Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano (ICBNA), analisando os pormenores no processo de fundação de ambos os centros, o envolvimento das elites latino-americanas com os representantes estadunidenses, além do mapeamento dos demais centros na América Latina.

Considerações Iniciais:

Os aspectos envolvidos no complexo esquema das relações entre América Latina e Estados Unidos possuem diversas interpretações. Entretanto, há uma ausência considerável de elementos importantíssimos que constroem a identidade latino-americana, não sendo possível engessar toda uma diversidade cultural, analisando apenas os aspectos socioeconômicos ou aplicando modelos oriundos do arcabouço teórico-metodológico das Relações Internacionais.

As ações dos agentes norte-americanos em território latino-americano, somados aos interesses das diversas elites intelectuais do continente, resultaram na criação de centros binacionais que fizeram parte da política externa estadunidense. Todavia, os processos de criação dos centros no continente, juntamente com as articulações dos consulados e demais instituições

¹ Doutorando em história pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos CAPES/PROSUP, Mestre em História UFPEL/CAPES, e-mail: rodrigopinnow@gmail.com.



difusoras da cultura estadunidense ficaram de fora das pesquisas que envolvem a América Latina e os Estados Unidos.

Dessa forma, faz-se necessário inverter a lógica encontrada na historiografia, em que o processo é visto de cima pra baixo, ou seja, o avanço das políticas norte-americanas de difusão cultural sobre a América Latina. Certamente, a difusão cultural não foi uniforme, por esse motivo, propõe-se pensar o processo de baixo pra cima, considerando fatores que passaram despercebidos pela historiografia sobre o tema, neste caso, a criação dos centros binacionais, com as peculiaridades que cada país possui.

Acredita-se que o processo de difusão cultural estadunidense foi discutido sem considerar a interpretação da elite latino-americana, seus interesses e aspirações, não apontando fatores que levam a uma compreensão mais abrangente sobre o processo e suas dimensões socioculturais nas primeiras décadas do século XX. Dessa forma, busca-se compreender a política externa estadunidense com base na diversidade cultural e documental existente na América Latina. As fontes diplomáticas, consulados, embaixadas e suas relações com as elites latino-americanas possuem subsídios que podem mudar o rumo das atuais interpretações.

Os Centros Binacionais:

O tema que permeia a problemática do artigo ora proposto teve origem em meados de 2008, a partir da organização do acervo do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano (ICBNA)². No mesmo período, em virtude da proximidade no aniversário da instituição, surgiu o convite para a participação de um projeto institucional que culminaria na criação de uma obra intitulada “Livro Digital comemorativo aos 70 anos do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano”³.

² A organização do acervo foi possível devido vínculo empregatício que o autor possuía com a instituição.

³ A história oficial do ICBNA, relatada no Livro Digital, informa que o Instituto foi criado por um grupo de intelectuais gaúchos, “liderados” por Erico Verissimo, que tinha como principal objetivo difundir a cultura estadunidense em Porto Alegre por meio do intercâmbio cultural, com anseio de uma aproximação entre as duas culturas. Porém, observando mais atentamente a 1ª página da ata de criação institucional, em 14 de julho de 1938,



O processo de “formatação” do Livro Digital, aliado às reflexões na época, motivaram as inquietações que resultariam na dissertação de mestrado intitulada “As inferências da Política Externa Estadunidense sobre a América Latina no século XX: O caso do Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano – ICBNA/RS”⁴. A pesquisa teve como objetivo contribuir para a historiografia no âmbito das relações entre Brasil e Estados Unidos, apresentando a história do ICBNA, primeiro centro binacional do RS, como parte integrante da política externa estadunidense.

A ausência na historiografia das ações dos agentes estadunidenses em parceria com as elites intelectuais, na formação dos centros binacionais e demais instituições, foi evidenciada no trabalho através de uma breve apresentação da *Association of Binational Centers of Latin America (ABLA)*⁵, bem como o mapeamento dos centros espalhados pelo continente.

Entretanto, não foi possível desenvolver um estudo comparativo que contemplasse dois ou mais centros binacionais, da mesma forma que não houve condições de aprofundar a pesquisa sobre a ABLA e sua esfera de atuação na América Latina, com mais de 200 centros binacionais associados.

A criação dos centros binacionais situa-se no período entreguerras, fase em que o colapso no sistema capitalista, a partir da crise de 1929, provocou inúmeras alterações no sistema econômico estadunidense que vinha em amplo crescimento após a grande guerra. O surgimento dos regimes totalitários, a consolidação do sistema socialista e a ascensão de novos líderes pelos quatro cantos do mundo colocaram em xeque o Estado Liberal democrático, como bem lembra Letícia Pinheiro (2010).

fica evidenciado que a ideia inicial surgiu na palestra ministrada pelo Cônsul dos Estados Unidos aos três bacharelados que compunham o grupo de Erico Verissimo. Disponível em: <http://www.cultural.org.br/Livro70anos/Default.htm>. Acesso em 10 de Maio de 2014.

⁴ Dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pelotas sob a orientação do Prof. Dr. Arthur Lima de Avila.

⁵ Conforme a lista atualizada da Association of Binational Centers of Latin America, a distribuição de centros binacionais nas Américas é a seguinte: Bolívia: 56 centros; Peru: 40 centros; Brasil: 30 centros; Colômbia: 24 centros; Estados Unidos: 16 centros; Chile: 15 centros; Argentina: 13 centros; Equador: 12 centros; Venezuela: 10 centros; México: 10 centros; República Dominicana: 8 centros; Costa Rica 6 centros; Uruguai: 5 centros; Guatemala: 5 centros; Honduras: 5 centros; Haiti: 2 centros; El Salvador: 2 centros; Inglaterra: 1 centro; Suriname: 1 centro; Antígua e Barbuda: 1 centro; Nicarágua: 1 centro e Dominica: 1 centro. Disponível em: <http://www.ablaonline.org/bnc>. Acesso em 20 de Março de 2014.



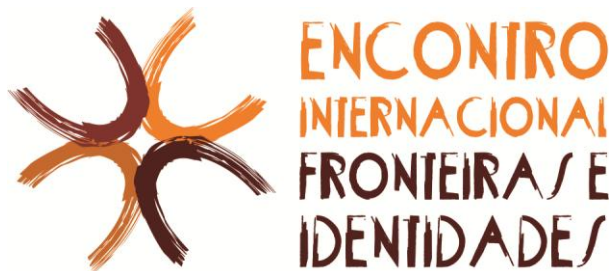
Evidentemente, o período entreguerras é apresentado na historiografia com variações de análise por parte dos historiadores, assim como por pesquisadores das demais áreas relacionadas ao tema como as Ciências Políticas, as Ciências Sociais, a Geografia e as Relações Internacionais. Contudo, essa miríade de interpretações que compõem o cabedal teórico-metodológico das áreas citadas apresenta uma discussão polarizada entre a dependência e a dominação no que diz respeito às relações entre América Latina – Estados Unidos.

Atualmente percebemos uma retomada dos estudos americanos em geral, e dos Estados Unidos em particular, que buscam através de novas fontes históricas e da releitura de fontes tradicionais, compreender processos que se apresentam de forma cada vez mais complexa. Mais do que simplesmente procurar dependência e dominação nas relações entre Estados Unidos e América Latina, é importante compreender as dinâmicas político-sociais, as relações entre política interna e externa desses países e os atores históricos inseridos no processo (ALVES, 2009. p.2).

Nessa retomada de estudos americanos, como bem citou Alves (2009), busca-se compreender as dinâmicas político-sociais envolvidas no processo, além de refletir se, de fato, a articulação estadunidense foi intensificada a partir da década de 1940 ou se já estavam estruturadas antes disso. Afinal de contas, as análises sobre o tema consideram a articulação dos consulados por toda América Latina? O período seria retratado de forma economicista?

No caso brasileiro, alguns autores⁶ consideram os meados da década de 1940 como período chave na virada das relações entre Brasil e Estados Unidos. Além disso, entendem que o processo foi resultado da política externa estadunidense, com seus órgãos de “exportação” comercial e cultural, buscando estreitar relações com o Brasil de Vargas que, por sua vez, tinha interesses relacionados ao desenvolvimento do país. É consenso que essa relação em alguns momentos foi conflituosa. Entretanto, os autores não mencionaram a possibilidade do processo de formação dos centros binacionais, iniciado em meados da década de 1930, com a participação dos consulados, como parte integrante da estratégia política dos Estados Unidos.

⁶ BANDEIRA (1973), BUENO; CERVO (2012), HIRST (2009), MOURA (1980;1984), MUNHOZ; SILVA (2011), PECEQUILO (2011), PINHEIRO (2010).



Não há como negar: a Segunda Guerra Mundial é o ponto de virada na história das relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos. No entanto, a ideia de uma Política de Boa Vizinhança, que incluía a cultura na agenda internacional, foi pensada algumas décadas antes, na gestão do republicano Herbert Hoover. Eleito em novembro de 1928, Hoover embarcou numa viagem de recreação. Pretendia mudar alguns aspectos importantes da política externa americana (TOTA, 2000, p.28).

Nesse sentido, compreende-se que os temas relacionados à América Latina e à política externa estadunidense, embora sejam intrinsecamente ligados, são apresentados com fissuras e distanciamentos. Foram décadas de uma historiografia que exaltou o imperialismo estadunidense em detrimento à fragilidade latino-americana. Não que de certa forma isso não tivesse acontecido, mas é preciso pontuar outras questões, analisando fontes que mostrem conjunturas não exploradas nas obras sobre a dominação cultural e econômica dos Estados Unidos.

Com isso, as obras deixaram de considerar a visão de baixo do processo⁷, não discutindo as peculiaridades de toda a América Latina e as diferenças entre seus países, como se todas as ações fossem pensadas e planejadas nos Estados Unidos, sendo exportadas para o continente latino-americano e executadas por seus agentes. Por esse motivo, percebe-se através da criação dos centros binacionais, das articulações de consulados e embaixadas, outra realidade e uma possível inversão do processo descrito até o momento nas obras pesquisadas.

As pesquisas sobre a política externa estadunidense na América Latina consolidaram o termo “Política de Boa Vizinhança”⁸ como a bem engendrada articulação do Governo Roosevelt para difundir a cultura estadunidense no continente latino-americano, a partir da década de 1930. Mesmo que os autores mencionem que as relações nem sempre foram harmônicas, falta

⁷ Termo utilizado por autores como: SHARPE, 2011. p. 39-63; HOBBSAWM, 1998. p.216-231; THOMPSON, 1966.

⁸ Implementada durante os governos de Franklin Delano Roosevelt, nos Estados Unidos (1933 a 1945), a chamada Política de Boa Vizinhança tornou-se a estratégia de relacionamento com a América Latina no período. Sua principal característica foi o abandono da prática intervencionista que prevalecera nas relações dos Estados Unidos com a América Latina desde o final do século XIX. A partir de então, adotou-se a negociação diplomática e a colaboração econômica e militar com o objetivo de impedir a influência europeia na região, manter a estabilidade política no continente e assegurar a liderança norte-americana no hemisfério ocidental. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/produção/dossies/AEraVargas1/anos3037/RelacoesInternacionais/BoaVizinhanca>. Acesso em 15 de maio de 2014.



compreender todos os pormenores envolvidos nessas relações diplomáticas durante as três primeiras décadas do século XX.

Nesse sentido, propõe-se um estudo comparativo das documentações oficiais, tendo por base especificamente as articulações dos consulados e embaixadas da Argentina e do Brasil. Ademais, não se pretende apenas estudar as relações diplomáticas, mas também compreender como as elites dos países envolveram-se na criação dos centros binacionais de seus respectivos países. Tanto o ICANA⁹ na Argentina, como o ICBNA no Brasil, possuem processos de fundação muito parecidos: ambos são centros binacionais sem fins lucrativos, criados e dirigidos por membros da respectiva elite intelectual de seus países e associados à ABLA.

Consequentemente, o estudo das ações consulares e seu vínculo com a formação dos centros binacionais confrontaria as afirmações generalizantes, mudando o foco de análise para documentação diplomática entre os países da América Latina e os Estados Unidos. Busca-se analisar a política externa estadunidense tendo por base uma estrutura fragmentada e não uniforme como a historiografia apresenta. Entende-se que há enorme necessidade de ampliar o olhar historiográfico para as peculiaridades de cada país e seu respectivo tecido sociocultural, neste caso, Argentina e Brasil.

Os historiadores, após várias décadas de pesquisa acerca do tema, desconsideraram, apesar das articulações dos consulados, governos e das elites intelectuais envolvidas, a fundação de mais de 200 centros binacionais na América Latina. Portanto, este relato de pesquisa justifica-se na medida em que busca complementar os estudos que envolvem a América Latina e os Estados Unidos, a fim de trazer a tona novas problemáticas sobre a temática.

Considerações Finais

Compreender de forma comparativa o processo de fundação e consolidação dos centros binacionais da Argentina e do Brasil, a fim de identificar como as inferências da política externa

⁹ O Instituto Cultural Argentino Norte Americano, ICANA, é uma instituição privada sem fins lucrativos, criado e dirigido por argentinos, cujo principal objetivo é promover o intercâmbio cultural e educacional entre os povos da Argentina e dos Estados Unidos. ICANA foi fundado em 1927. Desde então, sua evolução crescente permite-lhe manter uma posição forte no contexto da educação. Disponível em: <http://www.icana.org.ar/indexInstitucional.php>. Acesso em 20 de maio de 2014.

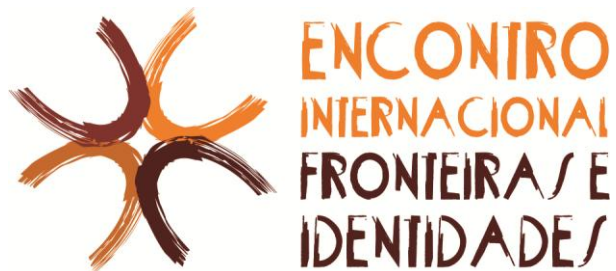


estadunidense foram implementadas e absorvidas pela elite intelectual de ambos os países não é uma tarefa fácil. Entretanto, tendo como base as fontes institucionais do ICANA e do ICBNA como exemplo, torna-se possível cruzá-las com fontes oficiais disponibilizadas por ambos os governos, buscando novos elementos para interpretação. Dentro desse escopo de análise, as relações diplomáticas e sua produção documental, aliadas às transformações das sociedades envolvidas, são um caminho a ser percorrido para repensar as inferências da política externa estadunidense na América Latina.

Todavia, para que tal análise seja possível faz-se necessário refletir sobre a história comparada, além dos autores pesquisados até o momento. Aplicar tal modelo teórico para Argentina e Brasil torna-se bastante desafiador. Conforme (DEVOTO; FAUSTO, 2004) há semelhanças entre o modelo constitucional dos dois países, porém, com o desenvolvimento de suas repúblicas, muitas diferenças foram se evidenciando após as alterações de seus textos constitucionais e da legislação posterior. Contudo, comparar o Brasil com países da América Latina não é um problema:

Comparar o Brasil com os demais países da América Latina sempre me pareceu um desafio estimulante. Na medida em que a história de cada país latino-americano corre paralelamente às demais, atravessando situações sincrônicas bastante semelhantes – a colonização ibérica, a independência política, a formação dos Estados Nacionais, a preeminência inglesa e depois a norte-americana, para ficar nas temáticas tradicionais – não há, do meu ponto de vista, como escapar às comparações. Em vez de manter os olhos fixos na Europa, é mais eficaz, para o historiador, olhar o Brasil ao lado dos países da colonização espanhola. (PRADO, 2005, p.12).

Conforme as fontes do ICANA e do ICBNA, bem como dos demais centros binacionais da América Latina, a ação consular manteve relações com as elites das principais capitais do continente no fim da década de 1920, o que leva a crer na execução de uma estratégia de longa data, articulada nas três primeiras décadas do século XX. Entretanto, não basta apenas comparar as relações diplomáticas dos países envolvidos, mas também analisar o comportamento das elites do continente e suas relações com os representantes estadunidenses. Por esse motivo, recorre-se ao suporte da história social das elites (HEINZ, 2006; 2011), pois entende-se que todo o processo



desencadeado pela política externa estadunidense contou com o apoio das elites latino-americanas no que tange a difusão cultural dos Estados Unidos .

De acordo com a história institucional dos centros pesquisados, percebe-se uma força simbólica embrionária que permeou as ações dos representantes estadunidenses e intelectuais fundadores do ICANA e do ICBNA. Uma espécie de sentimento de pertencimento a um grupo de vanguarda, no qual todas as fontes e depoimentos, no decorrer das décadas, igualam a cultura estadunidense à ideia de intelectualidade.

Conseqüentemente, pode-se pensar que o significado das entidades para as elites envolvidas marcaria uma nova fase, o grande passo que as sociedades deveriam dar em direção a um novo mundo que emergia. Essa força simbólica intelectual ou institucional fez-se presente tanto na história do ICANA, como do ICBNA, ao passo que manteve um espectro de superioridade de seus colaboradores e sócios nas narrativas descrevem a história institucional.

Apropriando-se da visão de Pierre Bourdieu (1998), pode-se aproximar as articulações dos representantes estadunidenses com as elites latino-americanos no citado processo de implementação da política externa dos Estados Unidos no continente. As elites , ao que tudo indica, tinham como objetivo simbolizar na figura dos centros binacionais não apenas espaços de difusão da cultura norte-americana, mas também transforma-los em locais de produção sociocultural e intercultural, ampliando o conceito simbólico de pertencimento à vanguarda intelectual estadunidense.

As ideologias, por oposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo. A cultura dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. Este efeito ideológico produz a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como



subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante (BOURDIEU, 1998, p.10-11).

Na medida em que os pormenores das histórias dos centros binacionais vão sendo elencados, torna-se imperativo incorporar a problematização desse jogo citado por Bourdieu(1998), pois se trata de uma oportunidade inicial de provocar um debate juntamente com as operações investigativas, focadas na análise de fontes primárias, e operações narrativas, direcionadas no estudo da historiografia, da escrita da história, todas sendo apresentadas como “propostas” e “tentativas” de elucidação das relações Argentina - Brasil-Estados Unidos.

Há de se pensar também que os órgãos norte-americanos tiveram interesses diversificados que podem ter convergido em pontos específicos. Trata-se de interpretar as ações estadunidenses considerando não só os aspectos culturais, mas também as ofertas de aperfeiçoamento acadêmico, convênios entre universidades e os interesses das diferentes elites intelectuais da América Latina.

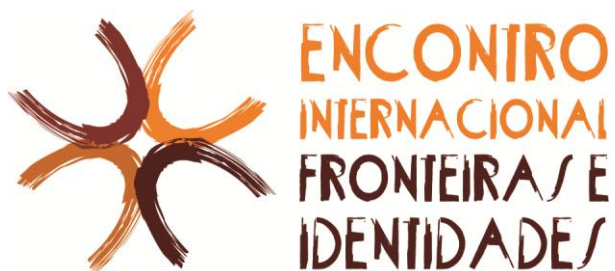
Os centros binacionais são exemplos da convergência, de múltiplas ofertas de aperfeiçoamento num único local. Ao mesmo tempo em que houve a oferta do ensino de inglês, também houve a oferta de testes de proficiência, além de oportunidades para diversas atividades culturais. No caso dos centros citados, há departamentos que mantiveram contato com todas as universidades dos Estados Unidos, além de desenvolver programas que deram origem a instituições como *Education USA*¹⁰, Comissão Fullbrich¹¹ e Companheiros das Américas¹². Portanto, entende-se que as obras elencadas contribuem para interpretação do tema proposto, porém no decorrer do doutorado novas referências serão incorporadas visando uma melhor compreensão do objeto de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹⁰ Disponível em: <http://www.educationusa.info/>. Acesso em 15 de março de 2014.

¹¹ Disponível em: <http://www.fulbright.org.br/>. Acesso em 15 de março de 2014.

¹² Disponível em: <http://www.partners.net/partners/default.asp>. Acesso em 15 de março de 2014.



ALVES JR., Alexandre Guilherme da Cruz. Olhares sobre a política de boa vizinhança (1933-1945). **Revista Eletrônica Boletim do Tempo**, Ano 4, Nº22, Rio, 2009.

ARON, Raymond. **Paz e Guerra entre as nações**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil: Dois Séculos de História**. Rio de Janeiro: Ed. da Civilização Brasileira, 1973.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

BUENO, Clodoaldo. CERVO, Amado Luiz. **História da política exterior do Brasil**. 4.ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012.

BULL, Heddley. **A sociedade anárquica**. Brasília: Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

DEVOTO, J. Fernando. FAUSTO, Boris. **Brasil e Argentina : um ensaio de história comparada (1850-2002)**. São Paulo: Ed.34,2004.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

HEINZ, Flavio M.(org).**História Social das Elites**.- São Leopoldo: Oikos,2011

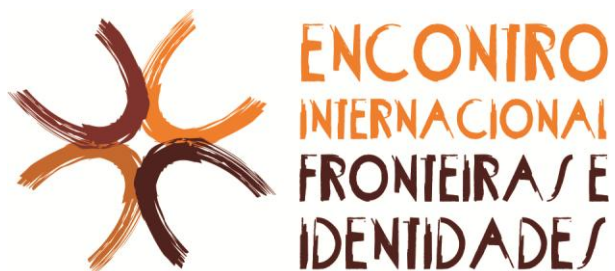
HEINZ, Flavio M.(org).Por Outra História das Elites. – Rio de Janeiro: Editora FGV,2006

HIRST, Monica. **Brasil-Estados Unidos: Desencontros e Afinidades**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

HOBSBAWM, Eric. A história de baixo para cima. IN: HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p.216-231.

MOURA, Gerson. **Autonomia da dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. **O tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana**. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense. 1984.



_____. **Estados Unidos e América Latina.** São Paulo: Contexto, 1990.

MUNHOZ, Sidnei. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). **Relações Brasil-Estados Unidos:** séculos XX e XXI. Maringá: Eduem, 2011.

PECEQUILO, Cristina Sorenu. **A Política Externa dos Estados Unidos:** continuidade ou mudança? 3.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

PINHEIRO, Letícia. **Política externa brasileira (1889-2002).** 2.ed.- Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

PRADO, Maria Ligia Coelho. **Revista de História** 153(2º-2005).11-33. Disponível em :www.redalyc.org. Acesso em :20 de maio de 2014.

RINKE, Stefan. **História da América Latina:** das culturas pré-colombianas até o presente. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. IN: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história.** São Paulo: Ed. da UNESP, 2011, p. 39-63.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor:** a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WRIGHT, Edmund. Guerra Hispano-Americana. IN: WRIGHT, Edmund. **Dicionário de história do Mundo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.329.

_____. Doutrina Monroe. IN: WRIGHT, Edmund. **Dicionário de história do Mundo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.234.

_____. New Deal. In: WRIGHT, Edmund. **Dicionário de história do Mundo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.540.

_____. Imperialismo. In: WRIGHT, Edmund. **Dicionário de história do Mundo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.381.